



Conferência Novos Desafios com as Empresas

IAPMEI foi fundamental para as empresas nos últimos 40 anos

Mensagem O ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, na cerimónia que marcou o 40º aniversário da instituição, revelou apoio explícito do novo elenco.

António Freitas de Sousa
antonio.sousa@economico.pt

“O IAPMEI vai continuar a apoiar a mudança das empresas portuguesas” no sentido do desenvolvimento da economia portuguesa, disse Manuel Caldeira Cabral, o novo ministro da Economia, associando-se à cerimónia de comemoração dos 40 anos do IAPMEI. Ao contrário do que estava inicialmente previsto, Caldeira Cabral acabou por não estar fisicamente presente, dado ter na agenda, à mesma altura, a Concertação Social, mas não quis deixar de prestar público apoio ao instituto, que considerou um dos pilares do sucesso de um considerável número de empresas nos últimos 40 anos.

Miguel Cruz, presidente do IAPMEI, afirmou por seu turno que espera do Estado uma “política pública adaptada às diferentes realidades das empresas”, nomeadamente através da “redução dos obstáculos ao acesso aos instrumentos de desenvolvimento” empresarial - palavras que o ministro não ouviu, mas que com certeza secundaria.

Um dos momentos mais interessantes da sessão foi o do debate entre vários responsáveis - empresários e membros das associações empresariais - que, a convite do IAPMEI, tentaram deixar claro quais são as principais dificuldades que se deparam ao desenvolvimento da economia.

Perante a evidência de que algumas das queixas dos empresários sobre a envolvente, os chamados custos de contexto, Luís Filipe Costa, administrador do grupo Montepio, mas também ex-presidente do IAPMEI, afirmou que o país melhorou muito, que a recorrência de al-



Miguel Cruz
Actual presidente do IAPMEI

Miguel Cruz quer que os empresários tenham uma relação pró-activa com o instituto. “Não perguntem: proponham”, disse, para enfatizar que o IAPMEI quer dar uma resposta vertical aos problemas das empresas e dos empresários.



Luís Filipe Costa
Ex-presidente do IAPMEI

Foi um dos quatro ex-presidentes que se associaram à cerimónia dos 40 anos do instituto, que decorreu no Europarque. Actual administrador do Montepio Investimento, integrou também o painel de debate que se realizou durante a tarde.

gumas queixas tem a ver com o ‘gap’ entre o tempo em que se ultrapassa as dificuldades e o tempo em que essas soluções chegam às empresas.

Mas não é aqui que o financiamento se encaixa: o ex-presidente do IAPMEI considerou que o financiamento nunca mais vai ser como sucedeu em 1997/2007, altura em que o acesso aos fundos bancários era claramente fácil. É do lado das empresas que está a possibilidade de alterar o actual estado de coisas: melhores contas, reestruturações concluídas anteriormente ao acesso ao crédito, gestão profissional e equilibrada, e um plano de negócios transparente e, acima de tudo, coerente, são da sua responsabilidade.

Horácio Pina Prata recordou, por outro lado, que a política económica tem de estar de acordo com os objectivos de desenvolvimento do tecido empresarial português - tendo-se referido particularmente às questões ligadas às leis do trabalho. Que, disse, devem ser reforçadas no que tem a ver com o aprofundamento dos mecanismos de flexibilização - dos despedimentos, entenda-se.

Já Luís Miguel Ribeiro, vice-presidente da AEP, preferiu salientar que o que verdadeiramente falta aos empresários são instrumentos de capitalização - em vez dos de financiamento. Aquele responsável quis ainda deixar nota da estranheza dos empresários face à dificuldade de aparecimento no terreno da IFD (o chamado banco de fomento).

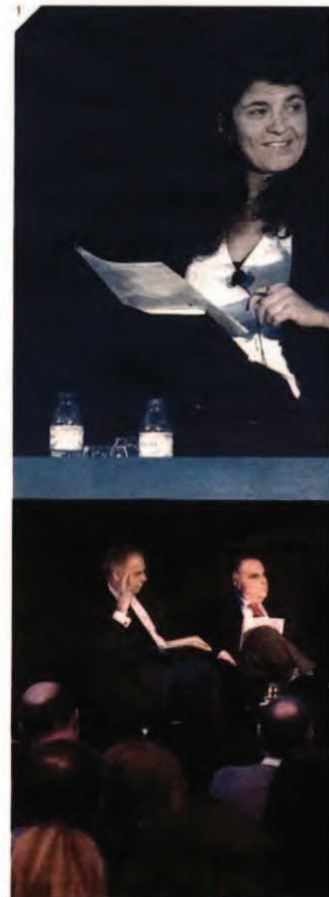
Luís Filipe Costa explicou que essa dificuldade se deve em parte à União Europeia, mas também à alteração - um ‘downgrade’ - do plano inicial e ao excesso de actores em torno

do processo de instalação do banco - que se focaram em questões internas em vez de gerirem as ligações com entidades externas, nomeadamente com o Banco de Portugal.

Rui Amorim de Sousa, CEO do grupo Cerealis e também Sandra Correia da Pelcor - os dois empresários presentes no debate - quiseram chamar a atenção para a componente do enquadramento económico que faz parte dos atributos do governo, qualquer que seja: estão na expectativa, afirmaram, para concluir que o afastamento do país do que se passa nos países nossos concorrentes (ao nível dos indicadores macro) não deve acontecer. Nesse quadro, as questões fiscais, entre outras, devem contribuir para chamar o investimento directo estrangeiro para o interior das nossas fronteiras.

Sandra Correia, presidente da Pelcor (cortiça para a área da moda), evidenciou as diferenças de posicionamento - dir-se-ia de estrutura de pensamento do negócio - entre os empresários portugueses e os seus congéneres do mundo desenvolvido. Tendo aberto recentemente uma loja em Nova Iorque, Sandra Correia disse que, nesta matéria, os portugueses ainda têm um longo caminho a percorrer para diminuir esse ‘gap’. Mas a burocracia “e o excesso de papelada” que não foi ainda possível irradiar do país são forças que bloqueiam esse desenvolvimento.

A cerimónia encerrou com o reconhecimento do desempenho de 40 PME ao longo dos anos - não sem antes Miguel Cruz ter anunciado a criação do programa Mulher PME Líder, que pretende distinguir a gestão empresarial protagonizada pelas mulheres. ■



PME discutem

O financiamento continua a ser um dos principais problemas das empresas.

Os 40 anos do IAPMEI ficam marcados pela inovação, que começou com uma pequena participação no desenvolvimento da economia e que resultou na criação de uma complexidade de mecanismos, instrumentos e parcerias que são hoje fundamentais à economia. Miguel Cruz, o seu actual presidente, salientou o contributo do instituto para o desenvolvimento da economia - mas não se deteve em encómios à organização que dirige: ao contrário, preferiu apresentar desde logo o desafio com que o IAPMEI entendeu marcar os seus 40 anos.

Esse desafio consubstanciou-se na discussão em torno dos ‘Caminhos da competitividade’ - o que precisam as empresas

PONTOS CHAVE

● O IAPMEI vai lançar um programa chamado Mulher PME Líder, com o qual pretende distinguir a excelência da gestão feminina.

● Apenas 12% dos mais de 5,5 mil milhões de euros investidos pelas empresas (em parceria com o Estado) no QREN foram para as áreas da investigação.

● 'Redes colaborativas e crescimento'; 'Capacitação, conhecimento e inovação aberta'; e 'Crescimento e novas soluções de financiamento' foram os temas em debate.

Fotos: Bruno Barbosa

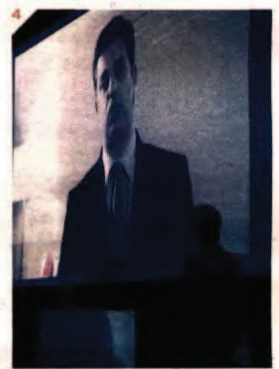


1 Painel de debate discutiu temas de actualidade para além da agenda do IAPMEI.

2 40 empresários foram distinguidos pelo Instituto durante a cerimónia dos 40 anos.

3 Os muitos empresários presentes viram várias gerações do Instituto.

4 Ministro da Economia, Manuel Caldeira Cabral, também esteve presente. Mas apenas em vídeo.



'Caminhos da competitividade' a pensar nos negócios

nacionais para alicerçar o seu futuro?' Um tema abrangente que o IAPMEI sub-dividiu em três grandes temas-chave: 'Redes colaborativas de crescimento'; 'Capacitação, conhecimento e inovação aberta'; e 'Crescimento e novas soluções de financiamento'. Para todos eles, o IAPMEI chamou um conjunto de empresas das mais destacadas do tecido empresarial para darem o seu contributo.

Coube a António Lucas Soares, docente do INESC e da FEUP, abordar o primeiro tema e expor as conclusões do primeiro painel. Participar e colaborar em rede de empresas - ou outras, nomeadamente universidades, institutos, etc. - foi assumido por todos como fundamental, não só para defender o racional de negócio de qualquer organização, como também para ganhar dimensão e robustez que, de outra forma, seria de

acesso muito difícil. Mas, salientou Lucas Soares, "a confiança e a clareza do papel a desempenhar por cada membro das redes" é uma obrigação 'sine quanon' e também um motivo necessário (mesmo que não suficiente) para o sucesso.

O docente explicou que existem redes das mais diversas ordens - os 'clusters', aliás, fazem parte da lista - e que é importante para cada empresa perceber em que rede, ou tipo de rede, deve posicionar-se. Mas "as dificuldades subsistem, porque é uma área complexa". Necessidade de liderança, desconhecimento de parceiros, falta de informação e de formação na gestão de redes - "a formação de bases das universidades não é suficiente" - a propriedade intelectual e a inadequação e falta de flexibilidade dos sistemas de incentivos foram os principais problemas detectados.



Bernardo Afonso
PME Investimentos

As queixas sobre financiamento são recorrentes desde a crise do 'subprime', mas o responsável da PME Investimentos considera que as empresas têm de fazer a sua parte para que os dois lados do sistema consigam encontrar uma plataforma comum.

Virgílio Cruz Machado, da Nova de Lisboa, apresentou o segundo tema, tendo recordado que o tecido empresarial investiu cerca de 5,5 mil milhões de euros ao longo do QREN - o anterior quadro comunitário - mas que apenas 12% foram encaminhados para a investigação e desenvolvimento tecnológico.

Para acrescentar valor a esta área, é preciso desburocratizar, agilizar e fazer desaparecer gorduras ao sistema de incentivos - nomeadamente no que tem a ver com o acesso das empresas ao Portugal 2020. Incentivar a associação e colaboração entre empresas foi outra das matérias onde o painel considerou ser possível melhorar.

Quanto ao último tema, sempre o mais sensível, Bernardo Afonso, da PME Investimentos, afirmou que há problemas de financiamento transversais e outros específicos. O

apoio à internacionalização, o financiamento de situações intermédias ou logísticas das empresas - como por exemplo a tesouraria ou o fundo de maneio - os seguros de crédito e a dificuldade geral de acesso ao crédito bancário foram os principais temas isolados.

Mas há um trabalho a fazer do lado das empresas: a aceitação de capital de risco, a gestão profissional, as contas devidamente apresentadas e a diversificação de fontes de financiamento, são algumas das ferramentas que devem fazer parte de uma espécie de trabalho prévio ao financiamento, que ninguém pode fazer por elas. Só depois disso vale a pena avançar para a discussão, que Bernardo Afonso lançou: como disseminar o financiamento até este chegar a todas as empresas que dele precisam? A resposta é tudo menos fácil. ■ A.F.S.